

"BRASIL, TERRA DE HISTÓRIA"

LUCIEN FEBVRE*

Gilberto Freyre bem gostaria que eu introduzisse no domínio francófono a sua primeira grande obra — *Casa-grande & senzala* — que ora aparece entre nós, com um título um pouco empobrecido, *Maîtres et esclaves* ["Senhores e escravos"]: bom para um romance russo do século XIX. Mas me mostrarei um prefaciador conveniente? Talvez eu esteja demasiadamente tomado pelo prazer de reler este livro que celebrizou seu autor. E que (felizmente) não é concludente. Quero dizer: que não fornece ao leitor apressado, sob a forma de três parágrafos de cinco linhas, bem esquematizados, tudo aquilo que deveríamos — de modo algum pensar (não percamos afinal nosso tempo com esse vão exercício), mas "saber de cor" sobre o Brasil para então lhe possuir uma chave única e mágica, tirá-la do bolso com um gesto indolente e ganhar a admiração das senhoras ao abrir diante delas algumas dessas fechaduras que guardam apenas vento: "O Brasil, minhas senhoras, é bem simples..."

Mas o livro de Gilberto Freyre não é nada simples. Ao mesmo tempo, uma história e uma sociologia. Um memorial e uma introspecção. Um enorme panorama do passado, nascido de uma meditação sobre o futuro. Por fim, um ensaio de um escritor nato, que obriga o menos sensível dos leitores a perceber o talento do autor: este dom espantoso de visão e ressurreição, feito de lucidez e de sensualidade. Em suma, a mais bela das caças para um caçador de idéias, hostil às vãs deduções como às sonoridades vazias. E exultante de finalmente compreender (sejamos mais modestos: de que se tente explicar-lhe) algumas das coisas que os melhores guias sempre esquecem de explicar e que em cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo o estrangeiro passa semanas pressentindo sem discernir: pobre viajante, prisioneiro de um Brasil de colarinhos engomados, gravatas apertadas, com um paletó digno de um lorde inglês, mas ao mesmo tempo — ele pode bem o sentir, quando a noite cai — repleto de odores violentos que emanam das terras cozidas e recozidas ao sol, essas terras atravessadas ao norte pelo equador e ao sul, em plena periferia de São Paulo, pelo Trópico de Capricórnio.

(*) Extraído de *Maîtres et esclaves: la formation de la société brésilienne*. Traduzido por Roger Bastide. Paris: Gallimard, 1952. Tradução do francês de Pedro Puntoni e Renato Sztutman.

Terra imensa esta — e isso já é um maravilhoso problema —, de uma tal unidade política e cultural mantida após cinco séculos, sem abalos, de Porto Alegre a Belém (o que quer dizer de Gibraltar a Estocolmo) e dos limites do Peru até o Recife (ou seja, mais ou menos de Paris a Moscou). Terra imensa, compacta, potência continental.

Alguém pode achar que a tenha percorrido porque do Rio de Janeiro deu um pulo a São Paulo, onde procurou em vão um porto com ares de cidadezinha visitado há vinte anos. Santos: um passado de intermináveis docas de café, uma rua um tanto calejada já naqueles tempos, o modesto edifício da administração municipal e, de frente para o mar, em uma praça deserta, um pequeno café nostálgico. No lugar de todas estas modéstias vê-se hoje uma Nice decuplicada, surgida em dez anos, com seus hotéis luxuosos, estações, cafés, passeios ao longo do Atlântico e até a sua prisão-modelo. Pequeno começo. Uma jornada pelo interior de São Paulo. Ocasião de ver os eucaliptos em cerradas fileiras subir aos céus, com os pés fincados no que já foi um dia a boa terra do café. E de contemplar, de tanto em tanto, essas grandes casas senhoriais cujas paredes ainda se mantêm mas nas quais o matagal tomou os salões em ruínas, que cantam o orgulho decaído dos imponentes fazendeiros.

Um vôo de avião, destes bravos aviõezinhos de cabotagem que nas escalas se enchem e tornam a se esvaziar de passageiros com hábitos e entonações os mais diversos e de bagagens miúdas: eis Belo Horizonte que os Stielers de 25 anos atrás ignoravam, mas em que vão se arrojando sobre a mata, todas esquadrinhadas, avenidas, praças e bairros inteiros, como a brotar do solo de um dia para o outro. Eis sobretudo, caro ao historiador, o Brasil de ouro que não é mais. Repleto de cidades encantadoras. Sabará no fundo de um vale, com seu pequeno e charmoso museu. Ouro Preto e sua multidão de igrejas, o palácio municipal, o vulto de Tiradentes evocado por Diego de Rivera. E, para além de um deserto semeado de enormes blocos de pedra, esta visão inesquecível: Ouro Branco. Um grande retângulo desolado de casebres detrás de sebes, uma alta palmeira cruciforme dominando uma fonte, e em frente a igreja arruinada, plena de perfumes rústicos, de crianças curiosas e de bonomia patriarcal. Velho mundo de Minas, tão fascinante para quem vive do passado.

Mas, de novo, um salto brusco. É a Bahia, luminosa, os grandes veleiros que saem da baía, seus três mastros erguendo a vela, como no século XVIII. Burburinho de homens, burburinho de mulheres sobretudo, destas mulheres que ninguém descreveu tão bem como Gilberto Freyre: negras ou mulatas de porte verdadeiramente real, enroladas em seus panos-da-costa, cheias de penduricalhos, adornos, braceletes, a bela saia por cima das anáguas brancas, os seios fartos, mal contidos pelas rendas. E este chamado arrebatador, no calor da noite, os ouvidos atentos aos apelos dos longínquos tambores: busca perdida de um recôndito candomblé, ao longe, em algum lugar no campo.

Isso é tudo? Vejamos ainda o Recife, suas feições venezianas, suas magníficas colunas de coqueiros junto a um mar de um verde cristalino, que

outrora vira arrastar-se sobre si, "inchadas como o ventre de mulheres grávidas", tantas naus carregadas de butins orientais que os barões do açúcar disputavam. E Olinda, que domina todas as igrejas ao largo.

E então, de parada em parada, ao longo de uma região saturada de história colonial, Goiânia, com seu mercado pleno de fortes odores e comidas exóticas, suas velhas cerâmicas no museu, seus sabores franceses na escola para moças — orgulhosas de terem aprendido a Marselhesa, mas decepcionadas porque as alfices de Touraine se recusam a crescer em sua horta.

Tantas cidades, tantos mundos — e para ir de um a outro, esse sobrevôo de duas imensidões. Uma toda verde, de um verde escuro, interrompida de tanto em tanto por espelhos d'água. A outra, toda azul vista do alto, de um azul franjado do branco das praias sem fim.

Tantos Brasis neste Brasil... Mas quantos outros Brasis ainda! O do Rio Grande do Sul, reservatório de energias que não pude dimensionar. O de Mato Grosso, objeto de avidezes rudemente viris. O Brasil dos selvagens, ao longe, nos confins das Guianas, nas nascentes do Amazonas... Terras da floresta tomadas, violentamente, selvagememente, pelas queimadas. Ou enormes terras contíguas à inesgotável, à indestrutível floresta. Esta floresta que Gilberto Freyre, no seu livro tão cheio de odores animais e vegetais, não cessa de mostrar projetando sua poderosa sombra sobre os homens, enchendo-lhes de crenças vagas, apavorando-os com terror pânico: fantasmas, bestas imaginárias e sem nome — o mistério da "coisa", do *negotium perambulans in tenebris*...

E não se poderá jamais tudo ver, tudo abarcar. Tão logo o passeio tenha terminado, será necessário recomençar. Com boas bússolas, pois nesse ínterim tudo haverá então se transformado. São tantos Brasis... Mas o que significa sua variedade de aspectos diante da variedade dos homens? Que espantosa acumulação de povos, de raças, de civilizações: única, creio, sobre a face do globo!

Há os índios. Ou aqueles que subsistem, que persistem do velho estoque indígena. Esses povos que, no limiar disso que nós chamamos século XVI, eram senhores dessas águas e dessas matas, desses rios, escarpas e planaltos.

Há os brancos. Os descobridores, os conquistadores vindos da Europa. Não apenas os portugueses: os franceses também, entre outros. E para não esquecê-lo basta contemplar, no dizer dos cronistas, as tantas crianças de olhos azuis e cabelos louros a proclamar um ancestral normando ou bretão que, mal desembarcado de seu barquinho, já teria deixado esses legados perpétuos. Mas e os próprios portugueses, esses portugueses repetidas vezes evocados por Gilberto Freyre, com seu poder de síntese arrebatador, sua história de misturas e empréstimos incessantes? Eles nos são mostrados, sobretudo em São Paulo, trabalhando não "como negros", mas "como mouros" — "mourejar", palavra significativa da língua portuguesa —, esses artífices moçárabes, plebeus enérgicos e criativos, trazendo consigo, sob esses novos céus, tudo o que havia de traços mouros

e mouriscos numa civilização fortemente marcada por seus contatos, voluntários ou forçados, com os filhos de Sem. Todavia "europeus", esses homens. Mas de qual Europa, impura e complicada?

Enfim, os negros. Os africanos. Aqueles do Sudão, aristocratas. Os do Congo e de Angola. Hotentotes arrastando suas enormes ancas. E outros, vindos das ilhas. Um material humano prodigioso, identificado pelos etnólogos nas suas proveniências e aptidões com uma minúcia que nos deixa um pouco confusos. E também de uma extravagante variedade.

Os índios, os brancos, os negros — se ao menos tivessem permanecido puramente negros, brancos e índios, bem puros, comidos... Cada um por si, vivendo sua vida tradicional. Guardando com desvelo suas heranças: utensílios e objetos manuais, ritos e cerimônias, casas e cozinhas, remédios, usos, costumes, maneiras de falar, de pensar, de raciocinar. Mas então... Os brancos não eram muito numerosos. Um punhado espalhado pelo vasto território. Quando, depois de um primeiro e rápido inventário, eles se decepcionaram (nada de ouro, nada de pérolas, nenhuma pedra preciosa nas mãos dos índios — apenas ornamentos de plumas sobre homens nus —, ou seja, nada para levar, nada para vender tampouco, nada para trocar ou barganhar) e tiveram de se transformar abruptamente de comerciantes em colonizadores, em lavradores e logo em produtores de açúcar, a conclusão foi evidente. Para ocupar, para cultivar o solo, era preciso povoar. Crescer em número. E os europeus certamente ainda viriam ao Brasil, em pequena escala, com chegadas compensadas pelas partidas. Viriam os homens, mas e as mulheres?

Esse era o grande problema. Eram raras as brancas que, atravessando o oceano, se lançassem à aventura em um mundo desconhecido. Desde o início elas faziam uma falta atroz. No entanto, a índia se oferecia. Bem-feita, robusta, limpa, saudável ainda e nova de instintos. Sem pudores inoportunos. Toda nua. Poderíamos aquilatar a força desse apelo para aqueles homens do mar — irmãos, noivos e maridos de mulheres mais que vestidas, escondidas, engolidas em fazendas, dotadas por sua religião de um estrito pudor indumentário? E as índias, todas nuas... Contemplemos os frontispícios dos livros eruditos, das descrições, dos atlas: o branco caminha, vestido dos pés à cabeça, seu astrolábio e instrumentos em uma mão e a cruz na outra para melhor assegurar sua virtude — e ao seu redor deleitáveis selvagens, carnudas, sem nada a esconder, dedicando-se placidamente às suas ocupações: dormir em redes ou às vezes cozinhar seus semelhantes... Livros de ciência: mas e as confidências entre homens? "Tu desembarcas e na praia estão elas, quantas tu quiseses, te acenando, te acariciando, te levando para o mato..." Folclore de seres simples e de instintos veementes. Alguns ficavam tão seduzidos com essas facilidades que se esqueciam de retornar às naus — trocando sem escrúpulos suas tradições por uma tal onda de delícias carnavais...

Bruscamente liberados dos constrangimentos sociais pela própria viagem, filhos de um tempo que em muitos domínios se mostrava impaciente por liberações, eles começaram de pronto a se saciar. Eles, os

homens do mar. E também os primeiros colonos, que não eram forçosamente impregnados de ascetismo cristão, nem incapazes de sacudir o jugo das imposições morais. Crianças nasceram. Toda uma criançada mista, com pele branqueada, concebida nos matos. Mas depois, esgotadas as volúpias da mudança, eles ponderaram: não era melhor cada qual ter para si sua própria índia? Tanto para a cozinha como para a cama — quero dizer, a rede, rapidamente adotada pelos brancos e que inspirou Gilberto Freyre em uma de suas mais envolventes evocações. A índia tornou-se concubina. E, às vezes, esposa legítima. É que os padres, eles também haviam descido dos barcos: franciscanos, dominicanos, carmelitas, jesuítas — todos sonhando com a conquista definitiva do cristianismo sobre aquele mundo insólito. Como nota Gilberto Freyre, no século XVI um certo imperialismo religioso precedeu o imperialismo econômico. E os padres incitavam essas uniões regulares, contanto que as índias se convertessem. As ligações de fato tornavam-se casamentos cristãos, e tudo voltava à devida ordem. Uma ordem que acomodava, sem muitos meandros, aquelas satisfações que exige "a Inconstância", como diria mais tarde o velho Fourier. Duplo ganho: de prazer, um prazer que logo não ignorará alguma perversão, mas de interesse também. Basta um texto para ilustrar, extraído de um manifesto escravagista por Joaquim Nabuco e citado por Gilberto Freyre: "O ventre, que gera as crianças, é a parte mais produtiva da propriedade escrava".

Desta forma, algumas décadas depois e já não se sabia bem, neste Brasil, quem era puramente branco e quem era puramente índio. Algumas décadas mais e o mesmo se colocava entre brancos e negros — sem excluir os índios. Em suma, cada célula da nova sociedade que se elaborava entre o equador e o Capricórnio oferecia aos olhos uma paleta de tons *dégradés*, do vermelho acobreado ao branco rosado. Nuanças de pele? Mais que isso: nuanças de alma.



Compreendemos então por que no corajoso livro de Gilberto Freyre a questão sexual ocupa lugar importante. É que ela está no centro mesmo da matéria, que não é "a história do Brasil do audacioso desembarque de Cabral ao declínio do açúcar", mas o estudo das complexas relações entre três grandes massas humanas. Não simplesmente de sua justaposição, mas de sua progressiva fusão, sua mistura íntima. Ao fim da qual eis o resultado: o brasileiro. Que, mesmo branco, fundamentalmente e visivelmente branco, não é menos obra-prima de uma complicação racial e mental desenvolvida nos trópicos. E (esvaziando a palavra de toda espécie de apreciação moral) uma vitória. Psicológica e, também, histórica.

Mas abstenhamo-nos aqui de simplismos. A vida dos índios no contato com os colonos nada tinha nada de idílico. Tampouco a vida dos negros, que sobrevieram quando a indústria açucareira se implantou, demandando uma mão-de-obra mais resistente que a indígena. Não, nada

de idílico. São fartos os testemunhos e relatos de atos aterradores: negros amarrados vivos à boca de canhões para serem despedaçados; mulatas muito queridas de seus senhores cujos olhos eram arrancados por ordem de esposas ciumentas e servidos na sobremesa, sangrando, ao marido infiel. Não se trata absolutamente de invocar o balido do paternalismo quando se deve fazer ouvir o urro do sofrimento humano, mas ao lado de tais cenas há outras, muitas outras, mais consoladoras para a humanidade. E eu diria, como historiador, de maiores conseqüências para o futuro. Nessas casas-grandes, das quais o livro de Gilberto Freyre nos traz uma descrição vivida e intensa, foi se criando uma espécie de sociedade-tampão, um círculo de privilegiados e mais ainda de privilegiadas: belas mulatas que faziam a corte, umas do senhor, outras da senhora — uma senhora inculta, analfabeta, que, vivendo intelectualmente (se assim podemos dizer) de conversas familiares com suas graciosas criadas de cor, permutava com as credices das africanas, ou mais raramente das índias mestiças, as suas próprias credices de européias ignorantes. Assim, com muito desembaraço, senão com frenesi, cacos de crenças e nacos de concepções de mundo e de vida se mesclavam e frutificavam. De modos de ser, sentir e pensar nasciam — aproximando-se sob uma fraternidade de indigência mental — as sensibilidades na origem as mais disparatadas, mas que com o uso se tornavam moedas tão gastas que, apagadas todas as effgies particulares, passavam a ter curso universal...

O que a cultura brasileira deve enfim à civilização indígena, tal como os invasores puderam observar por ocasião de seus primeiros desembarques, Gilberto Freyre nos mostra por inteiro ao longo de seu livro. Do seu modo, que é o de voltar-se sobre as coisas. Sem se apegar ao formalismo de uma ordem exterior. Do seu modo — eu diria de bom grado ao folhear as extraordinárias páginas que ele escreveu sobre a vã ilusão dos jesuítas de ensinar gramática, cálculo, lógica escolástica e abstração aos curumins —, um modo que não é (felizmente) o de um excepcional aluno de padres. Seguindo seu próprio ritmo, seu pensamento desdenha os ritmos instituídos. Ele volta sobre seus passos, retoma-os, inclui aqui uma mancha de cor que, dez páginas atrás, não encontraria seu verdadeiro lugar. E eis um inventário. E depois outro. E outro ainda. Empréstimos e trocas: de plantas, de animais, de utensílios, de habilidades, sem dúvida. E bem mais: de palavras. Com a ajuda de seus pequenos alunos indígenas, que eles sonhavam tornar seminaristas tão dóceis quanto seus cabelos lisos, os padres não haviam forjado uma língua, o tupi? Uma língua que servia de meio de comunicação aos índios entre si e entre brancos e índios. Uma língua que, como toda língua, engendrou hábitos espirituais, modos de raciocinar, toda uma vida mental.

Os índios — mas e os negros? A um crítico que o reprova por ter atribuído aos negros parte muito grande na edificação de uma sociedade brasileira — por lhes ter tratado como colaboradores num momento em que a lógica era classificá-los entre cavalos, bois e outras bestas de carga —, Gilberto Freyre responde com doce ironia, reportando-se a um fato de

importância singular. Mostra os negros fugidos que se embrenhavam nos matos do sertão e se uniam à índias soltas, ganhavam influência sobre os caboclos incultos e miseráveis e por fim se tornavam, eles, os escravos, na ausência do branco, os primeiros e, em certa medida, os eficazes agentes de uma europeização, senão de uma cristianização, com longo alcance sobre essas extraordinárias misturas de mentalidades que se produziram no Brasil. O negro, uma besta de carga e nada mais senão um feixe de vícios grosseiros? Mas estes vícios — Gilberto Freyre o diz com extrema agudeza —, não é à raça, esse mistério, que se devem imputar, e sim à escravidão. E, de resto, sabemos agora que jamais foram rompidos os laços entre os negros do Brasil e suas civilizações africanas de origem. Gilberto Freyre oferece múltiplas evidências — e não será seu tradutor, Roger Bastide, que o contradirá... E, mais uma vez, não se trata apenas de plantas, de objetos, de ingredientes, de paramentos. Mas de ritos, de danças e, mais além, de maneiras de pensar, de sentir, de representar o mundo e o destino. Não esqueçamos, ademais, que há entre os negros no Brasil aqueles muçulmanos de origem. E que o Islão em certos meios, sobretudo na Bahia, teve em vários momentos importantes um papel catalisador que jamais pode ser negligenciado.



Não é apenas porque este é um livro de talento pleno; porque nos permite compreender o Brasil e, em conseqüência, Portugal; porque é de elevada inspiração e corajoso em tudo o que toca ao racismo, à sexualidade e à escravidão; não é apenas por essas razões, já de si eloqüentes, que o livro de Gilberto Freyre é tão bem-vindo aos franceses. Ele também o é porque esta atenta tradução o introduz nesse círculo de pensamentos familiares aos que, preocupados com os rumos do mundo, voltam seus olhos em uma busca aflita para essas imensas terras sul-americanas — tão ricas de promessas e tão entremeadas de vazios. Isto porque coloca, a seu modo, o mais grave dos problemas que avultam, em 1952, diante dos herdeiros da velha civilização européia.

Por toda parte eles vêm se revoltar contra si esses povos de cor (e em alguns deles, no dizer dos antropólogos, a cor é branca) os quais não desejaram destruir nem física nem moralmente mas que, com pueril imprudência, acreditaram poder, à sua hora, do seu jeito e na medida em que lhes convinha, assimilar e, para falar sua linguagem, elevar ao nível do branco civilizado. E eis que esses povos agitam seus grilhões. Não que eles tenham a força. Por enquanto, ela continua nas mãos desses ocidentais que são, no entanto, os "outros" nos territórios dos orientais. Mas ao empregar a força, a situação, moralmente, se revela nociva. E este mal-estar equilibra, em certa medida, as possibilidades e os recursos. Com efeito, os não-europeus estão cansados de reivindicar dos brancos da Europa seu direito humano de ser livres. De ser responsáveis por seus próprios destinos. De reatar o fio rompido com suas velhas civilizações — civilizações que muitas

vezes os mesmos brancos, pelo nobre esforço dos seus eruditos, salvaram do esquecimento e restituíram aos seus legítimos herdeiros.

Agora, o branco se aflige. Tateia. Hesita. E, prisioneiro de sua reverência por tudo aquilo que pensou, construiu, inventou e realizou, não consegue oferecer a esses homens revoltados contra uma civilização da qual se sentem estrangeiros outra coisa senão invenções de branco, criações de branco que ele insiste em chamar de "progresso". *Panem et circenses!* Nós fizemos as estradas, a cédula eleitoral e o cinema. Com prudência, digamos, quanto à cédula eleitoral. Se depois de todos esses presentes (ou ao menos essas ofertas) eles não estão satisfeitos...

Satisfeitos ou não, o problema não está aí. O erro não está aí. Será possível uma civilização única, na qual todos os homens possam encontrar sua pátria cultural? Podemos imaginar que a civilização européia, da qual somos tão orgulhosos, poderá tornar-se a pouco custo o bem comum de todos os povos? Talvez não mais que uma alimentação correta para todos os homens se poderá prover, sem demasiadas precauções, da Groenlândia à Nigéria, do Kamtchatka a Bornéu. Nossos governantes, nossos dirigentes — tão eloqüentes quando exaltam em seus discursos as conquistas da ciência —, se quisessem se perguntar um instante sobre o que ela ensina, aprenderiam dos pioneiros da jovem ciência da alimentação os números da catástrofe causada no século XIX pela boa vontade e generosidade de europeus perfeitamente bem-intencionados que, para salvar da fome os pequenos groenlandeses, os fizeram perecer em massa oferecendo-lhes de supetão alimentos de branco, muito ricos, muito "energéticos", como dizemos. Rompendo brutalmente o equilíbrio imemorial de seu modo de vida, eles os destruíram em alguns meses por um mecanismo que começamos agora a compreender. Mas quê, a ciência? Passa ainda por ser aquela forma que permite inventar a cada dia os meios mais infalíveis de aniquilar a humanidade. Ciência do homem? Gozação. Sigamos em frente. E o mundo entra em revolução...



É certo que o livro de Gilberto Freyre não traz soluções a tais problemas, nem jamais ele se propôs a tanto. Mas ele todo nos convida, da maneira mais urgente, a refletir sobre o que eles significam. Pois o Brasil que ele nos oferece, que magnífica experiência étnica realizada pela história, com seus êxitos e seus fracassos ainda mais instrutivos que seus êxitos. Fracasso dos jesuítas, ao julgarem que seu humanismo cristão, baseado na lógica escolástica, no jurisprudência romana, na matemática abstrata, se revelaria dotado de um valor universal — próprio para formar, ou reformar, sobre o molde ideal do Homem os espíritos deformados dos pequenos "selvagens". Fracasso dos juizes e padres, dos legistas e missionários no seu afã de inculcar aos homens de cor o respeito escrupuloso às virtudes essenciais e às instituições fundamentais. A seus olhos, a bem dizer, que não eram os olhos dos mestiços ou dos mulatos. Pobres gentes

que sobretudo por dois crimes eram censuradas. Dois crimes que se recusavam a compreender como tais, pois não possuíam nem a noção romana de propriedade como se procurava lhes inculcar, nem muito menos os ditames de castidade que o ascetismo cristão queria lhes impor. Propriedade e castidade — duas noções que lhes impingiram como o cobrir com ceroulas e anáguas sua livre nudez. Chegada a noite, porém, adormecidos os senhores, eles se liberavam rapidamente para reencontrar a alegria de seus corpos desnudos.

Aqueles que, no século XVI e mais tarde, podiam se espantar com isso deveriam pensar que nessas duas noções aos seus olhos fundamentais, os homens de Deus e os homens da Lei, há muito tempo haviam trabalhado sem descanso, a caiar, a pintar e a repintar em consciência os pais, os avós, os bisavós dos anabatistas de Münster até a vigésima quinta geração. O que não impediu que de chofre, em plena Alemanha do século XVI, esses homens e mulheres que desprezavam as morais doutrinárias proclamassem a liberdade sexual e a comunhão dos bens. Eles entre tantos outros. Então espantar-se, indignar-se mesmo, com o fracasso dos legistas e dos missionários?

Grande lição de história brasileira esta que nos descortina à visão Gilberto Freyre. Ela é uma experiência imensa, uma experiência privilegiada de fusão de raças, de intercâmbio de civilizações. Esse Brasil, um caldeirão. Melhor não se debruçar sobre ele com curiosidade apaixonada — obstinação ou tolice de ocidentais que ainda se concebem com fatuidade, com profundo desprezo a essa Ciência do Homem que os sábios porém criam dia a dia e cujos serviços ainda lhes são incompreensíveis. Talvez fosse mais simples agir sem pensar, intervir sem saber, resolver todos os problemas humanos tendo a si mesmo como medida dos outros, sem mais — e em seguida lamentar-se dos resultados...



Isso é tudo? Mas como historiador, mesmo desejoso de que o leitor comece logo sua leitura, de que modo não dizer-lhe uma última palavra?

Casa-grande & senzala: livro de um historiador ou será de um sociólogo? No início deste prefácio eu colocava a questão, mas ela é ociosa. *Casa-grande & senzala*, um livro do homem sobre o homem. E se eu me inquietava com esse problema de definição (para enfim recusá-lo), é porque souro a grande desventura de ser historiador e ao mesmo tempo europeu.

Os homens de lá, os livres pesquisadores da América meridional que buscam fazer reviver a quicá mais rica das histórias culturais, têm uma ventura que não pressentem. Para ir direto às realidades eles não precisam atravessar, penosamente, o agreste assustador dessas instituições, a floresta espinhosa dessas papeladas administrativas e políticas que, ao menor trabalho, devemos atravessar, nós, calçados de nossas botas grossas, antes de atingir enfim, para além de tantos obstáculos, o homem vivo, o homem

sensível, o homem pensante, ativo, procriador, cumpridor de suas funções de homem e recriador cotidiano de sua civilização. A história transatlântica, com seus arquivos ao modo europeu, não começou senão no século XVI. E como ela foi acima de tudo, politicamente falando, a história de organismos subordinados — privados do poder invejável e soberano de preparar os conflitos, de negociar alianças venenosas e por fim de fazer a guerra para concluir a paz e recomeçar —, os sul-americanos, preocupados em descobrir-se e reencontrar-se no passado dos homens cujo sangue corre em suas veias, não precisam sopesar essa portentosa massa de papeladas e pergaminhos sobre a qual repousa toda a veneranda história da França — ou da Inglaterra, ou da Espanha.

Ah, pudessem eles, os brasileiros, compreender sua ventura... Pudessem não trocar essa liberdade de posturas, esse acordo, essa intimidade simplesmente renovada, sem tratos formalizados, com seus pais — esses que os engendraram, que neles depositaram tantos sentimentos instintivos e profundos, tantos modos de ser e de agir ainda vivos —, pudessem não trocar essas mercês pelas regras pedantes de uma história de velhos, paradoxalmente ufanos de suas artérias frágeis e de sua esclerose. Uma história para diplomatas cansados, uma história de pobres diabos que se dão a ilusão de ser muita coisa, que repreendem Filipe II, que retificam Luís XIV, que corrigem Napoleão. Mas que se esquecem de procurar o homem que contudo neles vive. De todo o coração, por essa última lição que não é de forma alguma a menor: obrigado a Gilberto Freyre, e boa sorte ao seu livro!